

## **O SENTIDO DE TERRITORIALIDADE E A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DA CULTURA CEARENSE A PARTIR DA POESIA POPULAR DE PATATIVA DO ASSARÉ**

Henrique Pereira Rocha <sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho faz uma reflexão sobre “O sentido de territorialidade e a formação identitária da cultura cearense a partir da poesia popular de Patativa do Assaré”, destacando a abordagem de conceitos relativos a processos de territorialidade e identidade, tendo como método de análise para a obra do autor os recursos da análise de discurso. Partindo desta perspectiva transdisciplinar, desenvolveu-se uma investigação no sentido de verificar quais características comuns que podem ser consideradas como identitárias da cultura cearense e que se encontram expressas em manifestações de sua cultura popular tradicional. O estudo dos valores de identidade e identificações, relacionados ao sentido de territorialidade existente nos indivíduos que ocupam determinado espaço geográfico, serviu como situação para se delimitar um contexto onde processos culturais ocorrem e que marcam a vida coletiva destes indivíduos. A obra do poeta popular cearense Patativa do Assaré e sua própria existência individual serviu como parâmetro para a verificação dos conceitos elaborados ao longo do estudo, no qual estão transcritas algumas das poesias como forma de situar a obra dentro de cada contexto teórico abordado. Além da exposição dos conteúdos que utilizei como fundamentação teórica, a análise de discurso foi empregada como recurso metodológico para a leitura da obra do poeta e observação dos contextos aos quais ela se refere, fazendo relação ainda com a existência individual e os processos culturais coletivos possíveis de serem constatados a partir dos conteúdos da obra poética e que estão relacionados com o sentido de território e identificações. Através de uma expressão de manifestação popular característica de um lugar, foi possível fazer relações entre o sentido de ser cearense e definir alguns dos aspectos de identificações culturais consolidados em um determinado espaço territorial possíveis de serem articulados através de uma expressão individual que traduz uma percepção coletiva.

**Palavras-chave:** territorialidade; identidade; poesia popular.

### **1. INTRODUÇÃO**

Este artigo foi elaborado com o objetivo de investigar o sentido das identificações da cearensidade a partir de uma forma de expressão de cultura popular característica e presente em nosso cotidiano cultural, a poesia popular, tendo como figura singular, o poeta Patativa do Assaré. A pesquisa para sua elaboração tomou como fundamentos outros conceitos e teorias a partir de um olhar transdisciplinar ao qual tivemos que recorrer para alcançar respostas sobre os questionamentos formulados a

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ócio, Cultura e Comunicação para o Desenvolvimento Humano pela Universidade de Deusto (Bilbao/Espanha). Professor de Ensino Superior da Faculdade Cearense (FaC). Produtor Cultural do Instituto de Cultura e Arte (ICA) da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: hrocha@ufc.br.

partir da problematização do objeto de pesquisa. Para favorecer a compreensão das questões articuladas ao longo deste trabalho, foram selecionadas categorias do pensamento que, combinadas com a investigação realizada, pudessem tornar inteligíveis os argumentos postos em discussão.

A partir da ideia principal de se firmar parâmetros para distinguir uma identidade, ou identidades, características da cultura cearense a partir da análise da obra de Patativa do Assaré e da percepção de sua individualidade que se destacasse como uma referência coletiva do ser cearense, coube acrescentar o conceito de territorialidade e uma contextualização do espaço referente ao Nordeste brasileiro, pelas suas particularidades regionais que implicam em significados e dá sentido a obra de Patativa do Assaré.

A importância deste poeta é fundamentada como referência para outras expressões de cultura popular, como referencial icônico da cultura cearense, como homem criador de elementos de representação cultural, e por fim, como sujeito em consonância com seu espaço, seu tempo e ciente de sua existência.

## **2. NORDESTE E TERRITORIALIDADE**

O Nordeste é o espaço regional onde estão refletidos num sentido mais amplo os aspectos de caracterização e referência dos elementos simbólicos que fazem parte do universo de subjetivação. Um dos principais aspectos relacionados à região está ligado às condições climáticas pouco favoráveis ao desenvolvimento de uma economia ligada à lavoura. A seca torna-se um flagelo associado à imagem de Nordeste a partir da grande estiagem do ano de 1877, a qual toma dimensão nacional através da divulgação nos jornais e discussões públicas e políticas sobre o assunto. Destacamos o processo de colonização da região, que apesar de incipiente, trazia consigo o mesmo sentido de extrativismo e exploração de recursos naturais levados à exaustão, em contraponto ao equilíbrio instintivo já adotado pelos primeiros habitantes da terra de origem indígena.

“A primeira luta do homem desbravador foi com o indígena, pela posse das terras mais frescas. nos baixios, nos vales e nas serras. E sabem todos como os índios resistiram em defesa de suas terras ricas em caça e frutas e apropriadas à sua incipiente lavoura. O fenômeno das secas toma contorno de importância sendo incluso nos documentos oficiais, entrando no discurso regional, depois que os colonos penetram os sertões e as fazendas de criar e acusam os prejuízos sofridos.” (PAULINO, 1992, p. 60).

O espaço perde, portanto, sua dimensão natural e geográfica frente à dimensão histórica artificialmente criada pelo homem. O crescimento acelerado das cidades, a rapidez dos transportes e das comunicações, e por fim, o trabalho realizado por meios artificiais quebra definitivamente o equilíbrio natural conhecido até então, fruto da experiência acumulada (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, p. 47).

Fundada na saudade e tradição, Albuquerque Júnior nos expõe uma região que é uma espacialidade fundada historicamente, tendo como gênese uma tradição de pensamento, uma imagística e textos que lhe concede realidade e presença. Um Nordeste que parece estar sempre no passado, sendo reconstituído constantemente pela memória. É a região para onde se quer voltar, pois é um espaço imutável e guardador de sentidos de lugar, de amores, de família. Um espaço que é lugar para relações de alegria e tristeza, que se organizam de acordo com as circunstâncias históricas, sociais e culturais que predominem em cada situação vivida.

Em nome da permanência das diferenças internas como valor para a promoção de características identitárias singulares para cada espaço, passamos a formular um sentido de territorialidade possível a ser aplicado a esta investigação. Tendo por princípio que territórios são formas, - e que este território utilizado são objetos e ações, significando também o espaço humano -, eles podem ser entendidos como lugares contíguos ou lugares em rede (SANTOS et al, 2002, p. 16). Ainda que para a geografia política o conceito de território esteja ligado à ideia de domínio ou de gestão de uma determinada área, associada à ideia de poder seja na esfera do poder público estatal ou das grandes corporações empresariais (ANDRADE in SANTOS et al, 2002, p. 213), procuramos aplicar a referência de territorialidade como sentimento subjetivo que propicia uma consciência de confraternização entre pessoas que habitam um mesmo território. Com isso, nos esforçamos em perceber e destacar qualidades e significados que fujam de padronizações e que possam nos apontar novas possibilidades de existência e reflexão sobre o sentido de territorialidade para o indivíduo existente nesta região denominada Nordeste.

## **2. 1. PATATIVA DO ASSARÉ E SEU SENTIDO DE TERRITORIALIDADE**

A obra do poeta cearense Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré, tem como uma de suas principais características a interpretação e o registro do espaço físico natural onde viveu durante toda sua vida. As temáticas e conflitos encontrados em sua poesia estão intimamente associados ao ambiente a que pertenceu e a sua vivência

cotidiana. De seus 93 anos de existência, interrompidos em oito de julho de 2002, quase 60 foram dedicados à tarefa de agricultor, trabalhando o pedaço de terra herdado de seu pai no sertão elevado da Serra de Santana, a 18 quilômetros da sede municipal, Assaré, no Estado do Ceará. Uma de suas mais notórias particularidades era a grande capacidade que tinha em ter seus versos guardados na memória. O tempo de Patativa dedicado ao trabalho no campo é o mesmo que ele dedicava a construir suas rimas, acertar suas métricas e afinar seu ritmo.

Como bem observou Gilmar de Carvalho (2002, p. 8), Patativa foi o “camponês de mão grossa, e fina sensibilidade, encontrava na comunhão com a terra a força que seu verso emanava”. É a partir deste sentido de apropriação de lugar através da poesia que procuramos destacar alguns temas recorrentes na obra de Patativa do Assaré que fazem de sua produção literária um referencial descritivo para o leitor e revelador dos sentidos do poeta na apropriação dos ambientes em sua memória. A poesia popular de Patativa é impregnada de força telúrica, revelada ora pela permanência de sua força oral, ora pela distinção em que os poemas são grafados, conservando as características principais de sua fala.

Patativa possuía uma visão cosmológica de seu lugar, um sentido de apropriação que o fez permanecer a vida toda no ambiente onde se identificava e se inspirava, onde se reconhecia e onde podia exercer sua ética sertaneja. Desse entendimento, muito antes de estabelecer uma dicotomia entre cidade e campo, Patativa tinha ciência da distinção do espaço urbano do espaço rural, dentre os quais optou por este último para tornar como próprio. Assim proclamando através de sua poesia:

“Poeta, cantô da rua,  
Que na cidade nasceu,  
Cante a cidade que é sua,  
Que eu canto o sertão que é meu.

(...)

Você teve indução,  
Aprendeu munta ciência,  
Mas das coisa do sertão  
Não tem boa experiência.  
Nunca fez uma paioça,  
Nunca trabaçou na roça,  
Não pode conhecê bem,  
Pois nesta penosa vida,  
Só quem provou da comida

Sabe o gosto que ela tem.” (ASSARÉ, 2004, p. 25-26)

Em “A Dimensão Oculta”, Edward Hall menciona a literatura como uma chave da percepção, destacando a preocupação dos escritores com o espaço: “Seu sucesso em comunicar a percepção depende do uso de sugestões visuais e outras para transmitir diferentes graus de proximidade” (HALL, 1977, p.89). Patativa usa permanentemente da sua mais abundante fonte de inspiração, seu ambiente natural e a cultura de seu entorno, para criar sensações de espaço. Assim, são definidos os espaços visuais e auditivos e o espaço olfativo, este último menos desenvolvido no homem, mas que evoca lembranças muito mais penetrantes do que a imagem ou o som.

Toda referência incorporada na poesia de Patativa do Assaré para criar paisagens imagéticas ou reproduzir cenários de sua experiência de vida está interligada com seu espaço físico de convivência e a elaboração de seu sentido de territorialidade, que apesar de ser uma elaboração própria, atinge até os dias de hoje leitores e ouvintes por compartilharem experiências comuns com o poeta. Porém, esta partilha pode se dar também com leitores e ouvintes que nunca estiveram no sertão ou tiveram qualquer experiência de vida ligada a um ambiente natural como o vivenciado por Patativa. A afinidade com a poesia popular se daria então, numa primeira reflexão, pelos aspectos narrativos e descritivos de situações da vida cotidiana no campo, pela referência muitas vezes minuciosas de objetos e elementos que fazem parte deste universo, e por fim, pela própria escrita que reproduz a fala do artista e aproxima afetivamente o leitor do conteúdo de sua obra.

O epíteto de pássaro recebido por Antônio Gonçalves da Silva, referente à patativa, ave reconhecida pelo seu belo cantar, parece muito adequado a sua condição de poeta integrado com a natureza. Uma integração que para Patativa, segundo Carvalho (2002, p. 4), revela uma mesma angulação em relação ao real. Natureza e cultura na poética não estão dissociadas, como estariam a partir de uma visão antropológica. A poesia flui não apenas como expressão, mas como uma visão de mundo:

“Patativa nos propõe uma poesia de construção, lança as bases de questões em que emerge uma ética pessoal, que passa por uma estética e, por isso, ganha uma dimensão mais ampla, de uma fala que é poética e é histórica. Apesar de toda a força de uma dicção inaugural do mundo e da ancestralidade de que se reveste, é a fala de um homem político, que diz sobre outros homens, em determinadas condições econômicas e sociais, fala que é enunciada de um lugar específico, apesar de sua universalidade, em que subjaz uma regionalidade que, longe de limitar, reforça esse cosmopolitismo sem fronteiras, a partir de todo um substrato de Humanidade.” (CARVALHO, 2002, p. 59)

Pudemos ver até aqui então, que o processo de apropriação do ambiente por Patativa do Assaré remete a transformação do espaço em lugar significativo a partir da experiência do poeta, que evoca as características intrínsecas de um espaço que é transformado em lugar. (POL, 1994, p. 49) A extensão da apropriação pode ser observada em processos de identificação espacial e composição simbólica organizadas por Enric Pol (1994), onde este autor relaciona os processos afetivos, cognitivos e interativos. A partir destes processos, a par da leitura da obra do poeta em questão, é possível pelo procedimento de análise adotado, entender a dimensão da importância do ambiente na constituição estética de sua obra.

Através da poesia, o poeta reafirma-se a si mesmo como pertencente a seu lugar, declara com vigor sua origem e de onde vem suas referências territoriais. Referências que vão além ainda do espaço geográfico, pois relaciona junto com seu sentido particular de territorialidade o sentido de trabalho, sua formação escolar, sem negação alguma ou culpa pela sua exclusão ou desgosto em relação à existência social. Pelo contrário, o poeta faz da sua voz, a voz de tantos outros, que como ele preservam um sentimento ético e moral, cientes e orgulhosos de suas potencialidades individuais e de sua localização na estrutura social à qual pertencem. Estas considerações remetem ao poema “O Poeta da Roça”:

“Sou fio das mata, cantô da mão grossa,  
Trabáio na roça, de inverno e de estio.  
A minha chupana é tapada de barro,  
Só fumo cigarro de páia de mío.

Sou poeta das brenha, não faço o papé  
De algum menestrelé, ou errante canto  
Que veve vagando, com sua viola,  
Cantando, pachola, à percura de amô.

Não tenho sabença, pois nunca estudei,  
Apenas eu sei o meu nome assiná.  
Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre,  
E o fio do pobre não pode estudá.

Meu verso rastêro, singelo e sem graça,  
Não entra na praça, no rico salão,  
Meu verso só entra no campo e na roça  
Nas pobre paioça, da serra ao sertão.” (ASSARÉ, 2004, p. 20)

Percebe-se que o discurso ao longo da obra de Patativa não sofre de polifonia, ou seja, não há em sua obra uma diversidade de vozes que assumem o discurso. Sempre é a

voz do poeta, e, no geral, em primeira pessoa do singular, que se faz enunciador, destacando a existência de um único sujeito falante. Segundo distinção estabelecida por Ducrot, citado por Maingueneau (1998, p.109), o sujeito falante é um ser empírico, o indivíduo que enuncia fisicamente o enunciado, enquanto que o locutor é um ser de discurso, a instância a quem é imputada a responsabilidade pelo enunciado.

Porém, o que é possível de verificação na obra em questão é que há uma interseção nas funções de sujeito falante e locutor, já que mesmo tendo por base o conhecimento empírico como sustentação de seus enunciados, Patativa mostra-se sempre responsável pelos conteúdos e puxa para si também essa função de locutor. Importante reforçar aqui que não foi esquecida a oposição entre o escrito e o oral. Como já dito antes, a sustentação original dos enunciados do discurso de Patativa é a oralidade, e no decorrer de seu reconhecimento como poeta adotou-se o procedimento de grafar através da escrita estes mesmos enunciados. Assim, temos hoje a obra do poeta como enunciados estabilizados pelo processo escrito, que proferidos em contextos ritualizados através, por exemplo, da promoção de seus livros ou declamações públicas, dá ao poeta certo status e confere aos enunciados forte carga simbólica. Por outro lado, o oral estabelece trocas instáveis e espontâneas das interações cotidianas, porém bem mais dependentes do contexto em que são proferidas (MAINGUENEAU, 1998, p. 56-57).

### **3. SER CEARENSE E IDENTIFICAÇÕES**

Um dos propósitos deste artigo é verificar, a partir dos conceitos de identidade, as formas de identificações observadas na cultura cearense e que são possíveis de se revelarem através de manifestações da cultura popular. Neste capítulo, procuramos agregar aos conceitos aqui já abordados dois importantes conteúdos para a sustentação da discussão tratada neste trabalho: o sentido de cearensidade, ou ser cearense; e a definição da ideia de identidade que relacionamos com este sentido de cearensidade. Isto implica também em irmos, ao mesmo tempo, organizando um pensamento do que este território oferece como conteúdos indetentários para a coletividade que nele está instalada.

Para abordar o conteúdo referente ao Ceará e à cearensidade, como forma singular de definir o indivíduo que vive e se reconhece como originário deste espaço territorial, utilizamos como ponto de partida a obra “Interpretação do Ceará”, do sociólogo e historiador Abelardo Montenegro, já que nela estão destacados alguns

aspectos pertinentes para este estudo. Tratamos de questões que possam ser relacionadas diretamente com o objeto de estudo, nos isentando de uma longa descrição histórico-geográfica sobre este estado, nos detendo inicialmente, já que discutimos territorialidade, no processo de sua ocupação do espaço territorial que tem como característica particular o pastoreio.

Instalada o que hoje se conhece por “civilização do couro”, destacamos neste contexto a situação de isolamento em que as regiões do estado permaneceram até meados do século XIX, dando margem para inúmeras disputas de terra e formação de verdadeiros clãs familiares que passaram a lutar pela posse do território e do poder local. A região do Cariri, de onde vem o poeta que destaco nesse artigo, é umas das regiões que guardam mais reminiscências deste isolamento. A sua distância do litoral constituiu um fator importante para eclosões de movimentos revolucionários e de lutas pela liberdade nos anos de 1817, 1822 e 1824. Estes conflitos marcam na história uma ruptura entre sertão e litoral que só seria retomada muito mais tarde, e que ainda hoje guardam resquícios (MONTENEGRO, 2001, p. 44).

Ao passo desse processo de ocupação do território, temos os fatores climáticos como uma referência peculiar deste espaço geográfico. O homem que nele habita ou vem a se instalar tem sua vida regulada por dois fenômenos naturais: a seca e o inverno. A existência da água, além de determinar a ocupação do solo, vai determinar também outras formas de relacionamento com a natureza. Importante registrar aqui a observação do romancista e farmacêutico Rodolfo Teófilo feita por Montenegro:

“É frequente ver uma criança, nas épocas chuvosas, a querer, por meio de barragens de areia e pedras, impedir o curso d’água pelas ruas e caminhos. Nunca vi em qualquer outra região do Brasil crianças preocupadas em tal travessura. É que nas nordestinas esse fato tão simples é automatismo de uma preocupação coletiva que prefigura um estado anímico: do homem a lutar contra as secas periódicas.” (MONTENEGRO, 2001, p. 17-18)

A partir deste binômio seca-inverno, Gustavo Barroso destaca a natureza do sertanejo como calcada na alma do sertão. Quando a natureza recusa seu auxílio, nega cruelmente, mas quando dá, dá com fartura. Neste contexto, Barroso destaca duas faces do caráter do homem do sertão, a tenacidade na luta e o descuido. É tenaz quando o meio o hostiliza e o quer esmagar, mas é descuidado, indolente e imprevidente quando o tempo é bom e ele repousa das grandes lutas: “O inverno alegra o sertão farto: ele preguiça e modorra” (BARROSO in MENEZES, 2005, p. 172). Sertanejo este, tipo



característico das regiões interioranas, onde o sertão é o espaço marcado pelo clima semiárido e vegetação xerófita, prevalecendo o tipo caatinga, tendo sua composição étnica marcada pela miscigenação, predominantemente pela mistura de brancos e índios, mas também com presença tardia do negro em menor percentagem.

O caráter do cearense é qualificado pelo nomadismo, imprevidência, combatividade, frugalidade, tenacidade, adaptabilidade, resignação fatalista e excesso de religiosidade, para ficarmos só entre as citações de Montenegro (2001), mas que dentro deste contexto temos a imprevidência, já citada anteriormente, como uma característica que passa por mutação quando o homem sertanejo passa a conhecer a noção de valor quando em contato com um regime de trabalho assalariado, onde conhece a categoria de preço e de tempo de trabalho.

“No inverno o sertanejo está na enxada, enquanto que, na seca, está na viola”, é uma máxima de Leonardo Mota (1965, p. 57) que ilustra bem a discussão levada até aqui para situar Patativa do Assaré neste contexto. Tanto como indivíduo herdeiro deste processo sociohistórico como artista popular que faz uma interpretação das experiências de sua comunidade sertaneja, que expressa as crenças e superstições, as predileções e fobias da área rural, desempenhando o papel de menestrel medieval e do contador de histórias africano. Quando se cria este imaginário de um cearense poeta, Montenegro justifica que esta poesia implica na realização de uma missão social. Ou seja, fazer poesia significa não se esvaziar de resignação, ânimo combativo e empresas temerárias. “Poesia é, assim, a luta existencial da raça” (MONTENEGRO, 2001, p. 89,140).

Neste trabalho, tomamos como conceito inicial para dar sequência à argumentação proposta, o pensamento de Stuart Hall, onde à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, os homens são confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente (HALL, 2000, p. 13). Devemos considerar desde já que os teóricos aos quais nos referimos guardam uma perspectiva de interpretação do conceito de identidade e identificações a partir do momento histórico chamado modernidade, que tem como uma de suas características principais a fragmentação do indivíduo, forçando-o a novas elaborações de sua identidade.

A noção da formação da identidade sugere a ideia de que as identidades antes da modernidade eram plenamente unificadas e coerentes e que agora se tornaram totalmente deslocadas (HALL, 2000, p. 24). Apesar de este autor considerar em um

primeiro momento esta argumentação muito simplista, está é, no geral, a definição mais sintética do que se pode perceber hoje em relação à elaboração de identidades frente a um mundo globalizado em que o indivíduo é isolado, exilado ou alienado, sendo posto contra o pano de fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal. Porém, não é esta a questão principal a qual devemos nos deter, mas sim relacionar conceitos sobre a formação de identidade que possam ser relacionadas e cabíveis de aplicabilidade a este trabalho.

A formação de uma identidade cultural, a partir das identificações do indivíduo com os sistemas de representações culturais de seu território, elaborados a partir da narrativa da cultura nacional, deve levar em conta aspectos tais como origem, continuidade, tradição e intemporalidade (HALL, 2000, p. 53). Estes elementos destacados aqui vêm a propósito de justificar os conceitos que procuramos reunir para abordar a problemática proposta. Eles se relacionam com as questões de territorialidade e a escolha de uma atividade de natureza cultural como elemento de verificação destes fenômenos. A poesia popular, como já foi dito, tem relação com as origens da fixação do homem no território cearense, como uma expressão de seu relacionamento com o meio natural, estabelecendo desta forma uma tradição que se faz legítima por critérios de continuidade.

Não obstante os impactos da globalização sobre a identidade, através da ampla difusão de informações proporcionados na segunda metade do século XX, redefinindo assim as coordenadas básicas de tempo e espaço, o conteúdo da poesia de Patativa do Assaré guarda um sentido de temporalidade que está associada tanto a uma relação de tempo cíclico como tempo linear. Mesmo assim, os conteúdos ali expressos assumem um caráter de intemporalidade pelas narrativas que se tornam referenciais para indivíduos de diferentes épocas. A poesia de Patativa baseia-se em um sistema de representação que por si mesmo já revela uma direção rumo à noção do global. Quando ele passa para o registro escrito e fonográfico de sua produção poética, antes apenas transmitida de forma oral, está querendo ampliar o campo de abrangência de sua obra.

### **3. 1. O DISCURSO POÉTICO COMO REVELADOR DE IDENTIDADE CULTURAL**

A promoção da poesia de Patativa do Assaré através do consumo de sua obra, seja por meio de livros ou discos, vai provocar nos seus leitores/ouvintes possibilidades de interpretações que levam para campo das identidades regionais, para a difusão de

seus valores éticos e morais, e por fim, para a consolidação de um sentido de indivíduo/poeta autônomo, que é capaz de falar por si e pelos seus pares. O valor de seu trabalho artístico dá-se pelas possibilidades que ele apresenta de articulação entre o global e o local. Mesmo ciente das espacialidades - urbana e rural -, da pluralidade de indivíduos que compartilham estes espaços – “doutores” e camponeses -, Patativa criou contrastes e complementaridades, narrou experiências possíveis de serem tornadas comuns independente de espaço, tempo ou indivíduos a quem dirigiu sua obra.

Patativa possuía uma visão cosmológica de seu lugar, um sentido de apropriação que o fez permanecer a vida toda no ambiente onde se identificava e se inspirava, onde se reconhecia e onde podia exercer sua ética sertaneja. Desse entendimento, Patativa revela sua identificação e reconhecimento como homem trabalhador dentre tantos outros no Nordeste, como se pode verificar em “Caboclo Roceiro”:

“Caboclo roceiro das plagas do norte,  
Que vives sem sorte, sem terras e sem lar,  
A tua desdita é tristonho que canto,  
Se escuto o teu pranto, me ponho a chorar.

Ninguém te oferece um feliz lenitivo,  
És rude, cativo, não tens liberdade.  
A roça é teu mundo e também tua escola,  
Teu braço é a mola que move a cidade.

De noite, tu vives na tua palhoça,  
De dia, na roça, de enxada na mão,  
Julgando que Deus é um pai vingativo,  
Não vês o motivo da tua opressão.

Tu pensas, amigo, que a vida que levas,  
De dores e trevas, debaixo da cruz  
E as crises cortantes quais finas espadas,  
São penas mandadas por Nosso Jesus.” (ASSARÉ, 2004, p. 99-100)

Gilmar de Carvalho (2002, p. 64-65) chama a poesia de Patativa do Assaré de “canto de trabalho”, um canto solitário e silencioso, ritmado pelo bater da enxada no chão de barro. A composição dos poemas, guardados na memória, separados por temas, como se armazena o feijão, a fava e o milho nos silos de folha-de-flandres. Uma poesia comprometida com a terra, porque é na terra que ele investe seu tempo, seu trabalho, e foi especialmente durante sua lida na roça que ele criou boa parte de sua obra, floração da natureza e da poesia.

O sentido de cultura ao qual já nos remetemos e os sentidos de subjetividade são vistos nesta pesquisa como elementos presentes constantemente, ora de maneira mais destacada, ora como sustentação para outros conceitos e categorizações. A articulação de elementos e significações culturais aos quais temos nos referido, concretamente expostas pela poesia popular de Patativa do Assaré, é fruto também de uma conexão com valores subjetivos articulados mentalmente e que sofrem influências do meio e que são ainda potencializados pela experiência vivida individualmente.

Para que este argumento fique mais esclarecido, compartilhamos a definição de Roque de Barros Laraia na qual o homem é resultado do meio cultural em que foi socializado. Este homem reúne em si conhecimento e experiência fruto de um longo processo de acumulação herdada pelas gerações que o antecederam (LARAIA, 1992, p. 46). Esta cultura posta em movimento permite inovações e invenções, que antes de serem consideradas uma ação individual, ela guarda os valores de uma ação coletiva, característica do sentido de ser social destes indivíduos. Este sentido de ação individual que reflete um conhecimento coletivo remete-nos a considerar aqui em breves palavras a importância do poeta Patativa do Assaré como referência e arauto dos valores de sua cultural regional, mesmo que tomados a partir de sua experiência individual. Mais do que reconhecimento midiático ou acadêmico, a obra de Patativa do Assaré se impõe como conceito de uma existência coletivizada, onde seus versos conseguiram repercutir sentimentos comuns aos seus pares, e mais, conseguiu transmitir essa experiência cultural para outros – no caso, leitores de sua obra que não partilharam de sua cultura coletiva nem de sua territorialidade -, expandindo a importância e a estima pela sua obra poética.

Um aspecto importante abordado por Minayo e Sanches (1993, p. 245) é a consideração da palavra expressa através da fala cotidiana como o material primordial da investigação qualitativa, em qualquer das suas relações, sejam afetivas, técnicas, burocráticas, políticas ou intelectuais. Para termos como exemplo, a fala, em nossa pesquisa, foi investigada em sua forma de apresentação textual, que é o suporte em que se encontra os registros poéticos de Patativa do Assaré, para assim se alcançar referências às problemáticas que são tratadas na pesquisa.

De acordo com Rosalind Gill, a análise de discurso é uma rejeição a noção realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir ou descrever o mundo. Não basta apenas criar-se uma definição sobre um discurso analítico, é necessário dizer algo mais. Esta autora destaca como uma das correntes teóricas da

análise de discurso, o pós-estruturalismo por romper com as visões realistas da linguagem e rejeitar a noção de sujeito unificado coerente (GILL in BAUER & GASKELL, 2004, p. 246). A proposição de análise de discurso que se formula aqui e se insere no contexto deste trabalho está não em detalhes do texto escrito, mas observar historicamente os discursos postos nestes textos.

Desta forma, compartilhamos com Gill a importância de se destacar quatro temas principais ao recorrer a este enfoque: a preocupação com o discurso em si mesmo; uma visão da linguagem como construtiva (criadora) e construída; a ênfase no discurso como uma forma de ação; e por fim, a convicção da organização retórica do discurso (GILL in BAUER & GASKELL, 2004, p. 247). O discurso observado como prática social aproxima-se bastante do que já foi exemplificado neste trabalho a partir da obra de Patativa do Assaré, resultado da preocupação de explicitar um envolvimento simultâneo em analisar o discurso e em expor o contexto interpretativo no qual este discurso está inserido.

A delimitação do gênero de discurso a ser identificado com a obra de Patativa do Assaré leva em consideração o relacionamento de falas e lugares, que demonstrem o status respectivo dos enunciadores e dos co-enunciadores, as circunstâncias temporais e locais da enunciação, o suporte e modos de difusão, os temas que podem ser introduzidos, e, por fim, a extensão e modo de organização do discurso. Todo esse processo é mediado por uma reflexão sobre a linguagem pesquisada, finalizando com uma interpretação que venha a restituir pensamentos e sentimentos comuns que estão nas brechas, nas entrelinhas, da poesia de Patativa do Assaré (PÊCHEUX, 1990).

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Seguimos nesta pesquisa um caminho para entender/interpretar os sentidos e significações dos fenômenos e fatos relatados pelas pessoas e observadas em suas vidas, sendo o sentido a direção para onde uma ideia, uma fala, uma atitude humana apontam, significação o querer-dizer daquela ideia, daquela fala, daquela atitude humana, saber que outras coisas estarão ocultas por trás do fenômeno. Este conjunto de procedimentos foi o suporte instituído para o processo cognitivo da problemática abordada. Este trabalho é fruto da elaboração de um texto que reflete a investigação que pretendeu ser realizada de forma coerente, atingindo os objetivos propostos e guardando em sua natureza a consistência necessária que justifique os esforços engendrados para sua elaboração.

Destaca-se a pertinência e abrangência da obra poética de Patativa do Assaré, onde a regionalidade da forma de comunicar e o sentido presente e local das temáticas exploradas, possibilitam um sentido de universalidade, ainda que a presença simbólica de elementos de identidade singular seja constante. A diversidade temática de sua produção é marcante, revelando seu interesse pelos acontecimentos de seu cotidiano local, mas também do mundo global, predominando as temáticas que exploram aspectos sociais e culturais. Este sentido de ser e estar no mundo, produziu conteúdos de onde percebemos a elaboração de sentido de territorialidade e identificação, que puderam ser enxergadas nas entrelinhas do discurso poético de Patativa do Assaré, convertendo-se em uma interpretação de sua existência relacionada ao seu trabalho e de que modo ele pôde falar, expressar-se, para descrever seus sentimentos e reflexões sobre os fenômenos que ocorriam ao seu redor.

O conhecimento popular – no meio urbano e rural do Estado do Ceará – acerca da obra de Patativa do Assaré e da singularidade de sua existência como artista popular, produziu sentidos de identidade e identificações compartilhados por sua coletividade, entendida como sendo os indivíduos conhecidos por cearenses. Além de compartilhar o sentido de serem naturais do mesmo espaço territorial, estes indivíduos compartilham também experiências relacionadas a modalidades de expressões e vivências culturais que podem ser ditas como comuns, por dividirem os mesmo valores subjetivos.

## 5. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do nordeste e outras artes**. 3ª ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana; São Paulo: Cortez Editora, 2006.

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá**. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BAUER, Martin e GASKELL, George (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. 3ª ed. Petrópolis. Vozes, 2004.

CARVALHO, Gilmar de. **Patativa do Assaré: Pássaro Liberto**. (Coleção Outras Histórias, Vol. 11). Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

HALL, Edward T. **A dimensão oculta**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1977.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise de discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

MENEZES, Eduardo Diathay Bezerra de (org.). **O Pensamento Brasileiro de Clássicos Cearenses**. Fortaleza: Jornal O Povo, 2005.

MINAYO, M.C.S. & SANCHES, O. **Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?** Caderno de Saúde Pública, 9, jul/set. Rio de Janeiro, 1993.

MONTENEGRO, Abelardo F. **Interpretação do Ceará**. Fortaleza: Programa Editorial Casa de José de Alencar, 2001.

MOTA, Leonardo. **Sertão alegre: poesia e linguagem do sertão nordestino**. 2ª ed. Fortaleza, Universidade do Ceará, 1965.

PAULINO, Francisco Souto. **Nordeste, poder e subdesenvolvimento sustentado: discurso e prática**. Fortaleza: Edições UFC, 1992.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.

POL, Enric. **La apropiación del espacio**. In Lupicínio Íñiguez & Enric Pol, (Org.) Congnición, representación y apropiación del espacio. (pp. 45-62). Barcelona: Universitat de Barcelona Publicacions, 1994.

SANTOS, Milton, SOUZA, Maria Adélia A. de, SILVEIRA, Maria Laura. **Território – Globalização e Fragmentação**. 5ª ed. São Paulo: Editora Hucitec / Annablume, 2002.